

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADE**

KEYLLA KELVIN GOMES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.**

REDENÇÃO-CE

2014

KEYLLA KELVIN GOMES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Professora Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda

**REDENÇÃO - CE
2014**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

-
- O45e Oliveira, Keylla Kelvin Gomes de.
Educação infantil: uma abordagem de gênero e sexualidade. / Keylla Kelvin Gomes de Oliveira. Redenção, 2014.
36 f.: il.; 30 cm.
Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
Orientadora: Profa. Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda.
Inclui Referências.
1. Educação de criança. 2. Discriminação de sexo. 3. Homofobia. I. Título

CDD 372.21

KEYLLA KELVIN GOMES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora. Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda – (Orientadora – UNILAB)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Bezerra – (Examinador – UNILAB)

Prof. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos – (Examinadora – UNILAB)

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação foi que me deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada. E minha irmã Kevellyn, por iluminar todos os dias da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho, recordo-me de muitas pessoas a quem ressalto reconhecimento, pois esta conquista finalizou-se com a contribuição de cada uma dessas, seja de forma direta ou indiretamente, nesta etapa tão importante na minha vida.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me dar saúde e sabedoria para superar as dificuldades encontradas no caminho.

À minha mãe Adriana, minha maior inspiração, agradecer por todo amor, respeito e confiança depositados em mim, em todos os momentos da vida. Sempre me apoiando para que eu nunca desista dos sonhos, me fazendo acreditar que sou capaz de superar e vencer a todos os obstáculos que surgem.

Ao meu pai Evandro, pelo carinho e proteção, fazendo prevalecer o amor acima de todas as adversidades.

À minha filha/irmã Kevellyn, pelo melhor abraço do mundo, fazendo com que me sinta segura, quando envolvida em seus pequenos braços fraternos.

Aos meus avós maternos Deolina Facundo e José Gomes, que mesmo sem acesso a educação me deram verdadeiras aulas de cidadania, me ensinando a ser mais humana e sensível as necessidades dos outros.

À avó paterna Francisca Cassimiro, que esteve presente em todos os momentos da minha vida, agregando valores e contribuindo em minha educação desde a infância. E ao meu falecido avó Valdemar Queiroz que em vida compartilhou de sua sabedoria e me ajudou muitas vezes com seus conselhos.

À minha orientadora Violeta Maria de Siqueira Holanda, pela paciência, força e estímulo, que me permitiu concretizar este trabalho. E por me apresentar o Núcleo de Políticas de Gênero e Diversidade Sexual que me auxiliou com contribuições valiosas, tanto para meu crescimento intelectual, quanto pessoal.

Aos professores da UNILAB obrigada pelos ensinamentos e aprendizados compartilhados.

Aos meus colegas de curso, Leonardo, Leonildo, Júnior, Letícia, Felipe, Karla, Helder, Érick, Flávio e Valdélia, com os quais pude desfrutar momentos de aprendizado, motivação e amizade. Em especial Ellen Jardani e Laudiano Silva, agradeço as contribuições na elaboração deste trabalho, por cada bronca, cada palavra de carinho e principalmente pelo

tempo que reservaram para me ajudar sempre que precisei, e nos dias difíceis me motivando a jamais desistir.

À Alany Ferreira, meu agradecimento pelo carinho e atenção dedicados a mim cotidianamente.

À Vanessa Germano sou grata pela cumplicidade e lealdade da sua amizade.

À Eveline, Rafaele, Myllena e Palminha, que dividiram comigo diferentes momentos de angústias e alegrias, obrigada pela amizade sempre incentivadora do meu crescimento não só na vida profissional, mas em todos os assuntos.

À Tia Neuzinha, pelas contribuições significativas, que foram valiosas na elaboração deste trabalho.

A todos/as que fazem parte da E.E.F. Municipal Monsenhor Manoel Cândido, obrigada ao acesso e a disponibilidade durante o processo de realização da pesquisa de campo.

Nesse momento, torna-se difícil lembrar-me de todos/as que participaram comigo dessa jornada, mas de uma maneira sincera, agradeço a todos/as que de forma direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

**“O que se faz agora com as crianças
é o que elas farão depois com a sociedade”
(Karl Mannheim)**

RESUMO

A proposta desta pesquisa, intitulada “Educação infantil: uma abordagem sobre gênero e sexualidade”, tem como objetivo dialogar sobre gênero e sexualidade na educação infantil, buscando identificar os discursos e as práticas no processo formativo das identidades de gênero e sexualidade. Evidenciando as formas de discriminação sexual, homofobia e sexismo (re)produzidas na Educação Infantil, com crianças de 3, 4 e 5 anos, na E.E.F.M Monsenhor Manoel Cândido, localizada na cidade de Baturité. É um trabalho construído por meio de uma pesquisa qualitativa, através da observação participante e inspiração etnográfica. Foi produzida a partir do cotidiano em sala de aula e nos espaços de recreação, mediante anotações pessoais e registro fotográfico. Durante as observações realizadas no espaço escolar, apresentam-se discursos e comportamentos sexistas e homofóbicos, que causam certas limitações nas atitudes e na maneira de se comportar como meninas e meninos. E as professoras reproduzem conceitos discriminatórios ao que se refere a gênero, sem perceber acabam por dividir meninas de meninos, reforçando os papéis de feminilidade e masculinidade imposta pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Gênero, Sexualidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 – AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
1.1 – Construção das Relações de Gênero e Sexualidade.....	14
1.2 – Sexualidade e Educação Infantil.....	16
2 – EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

A escola é o lugar onde passamos grande parte da nossa vida, sendo assim considerado ícone fundamental no processo de aprendizagem para a integração e vivência em sociedade. A educação infantil na escola é apresentada como a inserção de meninas e meninos no plano cultural, pois permite relações com crianças e educadores provenientes de diferentes religiões, etnias e classes sociais apresentando valores e comportamentos diferenciados.

Os padrões diversos de comportamentos, as ocorrências com a desigualdade de gênero, classe social, sexualidade, etnia, e até mesmo a intolerância são aspectos que foram construídos pelo tempo e pela sociedade. Sobre esses assuntos encontramos ramificações ligadas à orientação sexual, que continuam sendo reproduzidas ainda na contemporaneidade de forma preconceituosa, uma vez que deveriam ser compreendidas dentro de um formato que requer percepção minuciosa e respeito com as diversidades encontradas neles.

De acordo com a Lei nº 9.394/96, art. 29 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, do ponto de vista legal,

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. E tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996)

Ainda segundo a Lei de Diretrizes e Bases, em seu artigo 22 - “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (BRASIL, 1996).

De acordo com as Diretrizes Curriculares, na Educação Infantil são determinados princípios básicos de ética, política e estéticos a fim de promover uma formação crítica e participativa das crianças. A valorização da autonomia, da responsabilidade, do respeito às diferentes culturas, identidades e singularidades, assim como o combate ao racismo e as discriminações de gênero são alguns dos objetos de reflexão que devem estar presente no cotidiano da Educação Infantil de maneira que possibilite construir uma relação positiva na sociedade.

Torna-se desse modo de grande importância às discussões de gênero logo na infância. Uma vez que a construção social acontece durante as práticas educativas entre alunos e

alunas, e alunos(as) e educadores(as). Os caracteres da significação de gênero e de sexualidade são apresentados em manifestos corpóreos, bem como nas expressões discursivas de suas relações sociais.

As crianças começam a ter o primeiro contato com outras crianças, com os/as educadores/as e diante desse novo universo de convívio é que passam a se integrar socialmente, numa extensão que está para além do campo familiar, dando início a novas experiências. Logo, podemos questionar de que forma a criança explora o mundo de novidades, de diferentes pessoas, culturas, maneiras de viver e agir? Como as crianças assimilam e respondem aos valores repassados por pais e professores? Como educadores se manifestam diante dos comportamentos de gênero e sexuais apresentados por alunos e alunas?

Guacira Louro (2010) assegura que a escola se constitui podendo aproximar ou excluir sujeitos, daí a importância de observar o comportamento desde o ensino infantil, pois desde pequenos já são observadas as diferenças, essas que podem gerar as divisões, seja de cor, gênero, etc. Portanto, a escola também pode ser entendida como reprodutora de diferenças e desigualdades, podendo ser incumbida de separar sujeitos, por múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. A referida autora ainda afirma:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem sujeitos. (LOURO, 2010, p.58)

Nesse enfoque surgem questões sobre os efeitos que tais diferenças exercem sobre os sujeitos e, principalmente, sobre as crianças. As identidades de gênero estão continuamente se construindo e se transformando, através de diferentes discursos, símbolos, representações e práticas. A escola assume papel significativo na formação dos sujeitos masculinos e femininos, mediando valores e transformando formas de ser e estar nos espaços sociais.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é fazer uma abordagem sobre gênero e sexualidade na educação infantil, buscando identificar os discursos e as práticas no processo formativo das identidades de gênero e sexualidade. Serão evidenciadas as formas de discriminação sexual, homofobia e sexismo (re)produzidas durante a primeira infância numa escola do município de Baturité.

Os sentidos da investigação precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. Por isso, é preciso observar cada detalhe do espaço escolar, bem como as relações estabelecidas entre alunos(as) e professores(as), para notar a (re)produção das diferenças e igualdade de gênero.

A pesquisa foi realizada na E.E. F Municipal Monsenhor Manoel Cândido localizada no centro da cidade de Baturité - CE, com alunos e alunas do infantil III, IV e V, em quatro salas de aula, uma do infantil III, outra do IV e duas do V. As visitas foram realizadas durante o mês de outubro de 2014, especialmente registrando as atividades desenvolvidas na semana da criança.

Um trabalho construído por meio de uma pesquisa qualitativa através da observação participante. O relato etnográfico foi produzido a partir do cotidiano em sala de aula e nos espaços de recreação, mediante anotações pessoais e registro fotográfico. Visando resguardar a identidade das crianças foram utilizados nomes fictícios durante a apresentação dos dados da pesquisa, estando em conformidade com a ética devida aos sujeitos.

Segundo Brandão (1984), a observação participante exerce um importante significado no campo etnográfico, uma vez que o todo de uma pesquisa não está somente na entrevista, uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o pesquisador vê acontecendo.

porque se faz estando pessoalmente no lugar e observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar da vida cotidiana das pessoas. (...) Não para sentir, não para que as pessoas me sintam como alguém deles, mas que para esse participar faça com que eu me identifique mais de perto como uma pessoa não deles, mas mais próxima deles (...). (BRANDÃO, 1984. P. 4)

Neste contexto, a identificação dos discursos e das práticas no processo formativo das identidades de gênero e sexualidade na escola, será percebida por meio da interação social entre os sujeitos da pesquisa (pesquisadora e interlocutores). Trata-se de uma posição metodológica construída a partir do diálogo e, portanto, relacional.

No que se refere ao embasamento teórico-metodológico, a pesquisa investe na revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade, Louro (2000/2010), Scott (1995), Nunes (1987) dentre outros/as, garantindo a reflexão conceitual em diálogo com as observações de campo. Portanto, o texto obedecerá a seguinte estrutura:

No primeiro capítulo, apresento uma discussão conceitual sobre gênero e sexualidade contextualizada a partir da produção de autoras feministas, dentre outros. Aqui, o gênero é entendido como um processo dinâmico, construído no ambiente social, que demarca as diferenças sexuais entre meninas e meninos. Em seguida, procuro apresentar algumas reflexões sobre sexualidade e educação infantil, destacando o papel da família e da escola no processo de socialização das crianças.

No segundo capítulo, apresento um relato etnográfico que identifica os discursos e as práticas no processo formativo das identidades de gênero e sexualidade durante a primeira infância. São evidenciadas as formas de discriminação sexual e homofobia (re)produzidas no ambiente escolar. Dito isto, passamos para o primeiro capítulo.

1. AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 Construção das Relações de Gênero e Sexualidade.

A construção social de meninos e meninas, que são educados e socializados de maneira diferente, produz oposição e, às vezes, até mesmo antagonismo. A primeira definição de gênero se estabelece entre 'sexo biológico' e 'sexo social', isto é, enquanto sexo refere-se às diferenças biológicas e anatômicas entre homens e mulheres, gênero ocupa-se em designar as diferenças sociais e culturais que definem os papéis sexuais destinados a homens e mulheres em cada sociedade. Portanto, o conceito gênero se situa na esfera social, diferente do conceito de sexo, posicionado no plano biológico (SAFFIOTI, 1994).

Quando pensamos em gênero, devemos pensar nas construções sociais, nas quais dão sentido aos corpos de meninas e meninos. Em outras palavras, gênero é como se constrói socialmente esta possibilidade de ser homem e de ser mulher, sendo possível observar o procedimento de masculinidades e feminilidades nesse artifício cultural e histórico do qual constituímos nossa forma de pensar.

Segundo Guacira Lopes Louro, pode-se entender que gênero é:

a construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto. (LOURO, 2000, p. 26).

O conceito de gênero referencia a história do movimento feminista, iniciado na década de 1960. Tais movimentos apresentavam manifestações de caráter social das distinções baseadas no sexo, pretendendo eliminar a ideia de determinismo biológico, esclarecendo o uso de termos como sexo ou diferença sexual e destacando aspectos relacionados às definições normativas das feminilidades.

Já se tornou lugar comum referir-se ao ano de 1968 como um marco da rebeldia e da contestação. A referência é útil para assinalar, de uma forma muito concreta, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados há algum tempo. França, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha são locais especialmente notáveis para observarmos intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. (LOURO 2010 p. 15 – 16)

Os grupos sociais que reivindicavam o direito à diferença, marcavam a militância feminista em diferentes polos de alcance e movimentando participações no mundo acadêmico. Defendendo que a utilização de gênero transformaria essencialmente os modelos disciplinares, das quais acrescentaria uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. Com o intuito de tornar-se visível àquela que durante muito tempo havia sido segregada socialmente e politicamente em meio à sociedade.

No final dos anos 80, o conceito de gênero expande-se por meio de pesquisas elaboradas pelas feministas americanas. De maneira a demarcar que as características e os comportamentos que entendemos como natural de um determinado gênero faça parte de construções sociais e culturais, e que, portanto, não podem ser identificados como determinados por aspectos biológicos. Scott (1995) sublinha o aspecto relacional no entendimento sobre homens e mulheres na própria construção histórica da categoria gênero,

[...] o gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. [...] as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudos completamente separados (SCOTT, 1995, p. 5).

Surgindo como uma categoria analítica, as pesquisas sobre “gênero” passam a fazer parte dos debates nas universidades, de momentos de discussões acadêmicas, e hoje é uma ferramenta importante para pensarmos nas desigualdades, nos processos de masculinidades e feminilidades. A partir daí os estudos sobre gênero passam a buscar explicações de como as diferenças entre mulheres e homens são justificadas e até mesmo legitimam as desigualdades. No caso dos estudos feministas, eles dão maior visibilidade e poder nas questões dos direitos das mulheres.

No Brasil, o pensamento da estudiosa Guacira Lopes Louro faz referência ao modo como as chamadas diferenças sexuais são representadas ou valorizadas, referindo-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, em uma dada sociedade, num determinado grupo ou contexto. Ao discutirmos gênero, estamos pensando na construção social feita a partir das diferenças sexuais. Segundo a autora,

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens

e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2010, p.21)

Dentro de uma compreensão rápida se conceitua primeiramente a construção de uma identidade biológica, ou seja, acontece no momento em que se nasce e logo se procura identificar como macho ou fêmea. Mas a construção de se tornar homem ou mulher acontece na natureza, nas vivências relacionadas à cultura.

A influência dos processos de socialização sobre a cognição, o comportamento e as habilidades motoras de ambos os sexos vem sendo reconhecida por pesquisadores de várias áreas. E a denúncia do pretenso caráter fixo e binário de categorias como feminino e masculino, contido nas explicações biológicas para as diferenças cognitivas entre homens e mulheres, tem no conceito de gênero parte do reconhecimento do caráter social e historicamente construído das desigualdades fundamentadas sobre as diferenças físicas e biológicas. (VIANNA e FINCO 2009, p.5)

Contudo, essa discussão pode ser atribuída tanto nas relações sociais, quanto nas relações interpessoais, ou seja, as relações criadas e reproduzidas. Uma vez construída no ambiente social podemos entender o gênero como um processo dinâmico, e não simplesmente dada à criança ao nascer. Podendo utilizá-lo como ferramenta de desnaturalização e estranhamento das desigualdades presentes no cotidiano.

Portanto, o conceito de gênero que pretendemos enfatizar está ligado às relações sociais entre meninas e meninos, em que cada um tem seu papel social determinado pelas diferenças sexuais. Essa condição de relação desigual é imposta pela sociedade antes mesmo da criança entrar na escola e que se reproduz durante boa parte da vida de grande parcela destas.

1.2 Sexualidade e Educação Infantil

Nas sociedades contemporâneas percebem-se as diversas formas de influências para representar a maneira de ser e atuar os corpos, enquanto meninas ou meninos. Neste sentido, encontramos influências heteronormativas em todos os campos responsáveis por disponibilizar essa cultura, seja na família ou na escola.

Assim como os diferentes significados, há diversas formas do sujeito se relacionar com as fronteiras que limitam e definem a sexualidade normativa. Há aqueles que perpassam a fronteira, uns que a cruzam, outros que se encontram na via de policiamento, aqueles que perambulam por todos os lados, etc. Por estes movimentos todos, percebemos a pluralidade de constituição de identidades sexuais: homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, *dragqueen*, dentre tantas outras possibilidades. (SEFTON, 2011. p. 55)

A sociedade nos impõe padrões e regras de modelos a seguir, buscando influenciar no comportamento de cada pessoa, seja na maneira de se vestir ou de se relacionar como o outro (a), com a pretensão de compreender o gênero como formador da identidade dos sujeitos. De acordo com Louro, os estudos feministas, os sujeitos podem ser compreendidos por múltiplas identidades, das quais se modificam e permanecem em constante transformação. Podendo ainda abranger o discurso de gênero nas questões de sexualidade.

Podemos considerar importante estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidade de gênero e identidades sexuais. Identidades sexuais se constituíram através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Conforme a afirmação de Louro:

É evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). o que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade as identidades são construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 2010. p 26 - 27).

As identidades são consideradas construções, processos de produção, contraditórias e inacabadas. Então, quando discutimos identidade de gênero e/ou identidade sexual, estamos falando desse processo de maneira a nos constituirmos seja como mulher, como homem, ou nas questões das identidades sexuais como, homossexual, bissexual ou heterossexual. Assim

entende-se que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes maneiras e que a identidade sexual é construída através da forma como vive sua sexualidade.

O processo de socialização da criança começa a ser vivenciado em casa. Logo as crianças passam a reproduzir a cultura familiar, e como responsável fundamental no processo ensino e aprendizagem os pais repassarão seus valores para os filhos, a fim de educa-los para a vida.

A família tem um papel importante no desenvolvimento das pessoas, é com ela que acontecem as aprendizagens básicas, que são necessárias para o desenvolvimento autônomo dentro da sociedade. Apesar de ter muita influência, a família não consegue definir todas as características cognitivas da criança. Algumas são desenvolvidas a partir das experiências vividas pelas crianças, outras dependem da carga hereditária ou de fatores alheios à vontade da família. A família funciona como uma rede de influências recíprocas entre todos que fazem parte dela. O estilo de comportamento dos pais gera efeitos sobre o desenvolvimento social e da personalidade da criança. (MARTINS e TAVARES, p. 260 2010).

As autoras nos falam da importância do papel familiar na educação da criança, e que mesmo não podendo interferir em todas as características, que por sua vez pode ser desenvolvida pela própria criança com sua própria percepção do mundo, são utilizados como espelho, base inicial para a construção das identidades sociais.

Mesmo com a ideia de uma educação hereditária, ou seja, os pais buscam repassar para os filhos o que aprenderam com os seus pais. Mas o que deve ficar entendido para os pais é que a sociedade passa por diversas mudanças constantemente e em diferentes aspectos, seja como políticos, econômicos ou culturais. Podemos usar como exemplo a época de nossas avós, em que não trabalhavam fora de casa, por serem mulheres tinham que ficar somente em casa, cuidando dos serviços domésticos e dos filhos. Cabendo somente ao homem, prover com o necessário para a família.

Na sociedade contemporânea o papel da mulher dentro da família tem mudado consideravelmente, ela não passa mais todos os dias somente cuidando da casa e dos filhos. As mulheres hoje ocupam todos os espaços que antes somente os homens poderiam ocupar. E em muitos casos, ocupando a realidade de conciliar três funções, como profissional, esposa e mãe, desempenhando uma tripla jornada de trabalho. Compreender essa realidade parece ser um processo ainda longo, porque uma parcela da sociedade ainda insiste em querer reproduzir uma visão sexista. E assim é repassada para as crianças que futuramente continuarão com a mesma ideia estereotipada a respeito do papel da mulher na sociedade.

Os pais devem tratar o tema da sexualidade como experiência de vida da criança, uma vez que, vai ter de acontecer de qualquer maneira, pois ela se encontra em toda parte, seja a partir dos exemplos, das conversas ou através do que os pais têm como valores. Então quando pensamos educar a criança para a sexualidade, não se devem resumir essas informações somente a questões de sexo, e do ato sexual, mas como um conceito dinâmico que vai ser construído ao longo da vida, por todos os sujeitos e de diferentes modos; modos estes, nos quais a educação para a sexualidade dar-se-á visando à reflexão e também a desmistificação de diversos discursos considerados únicos; sempre evidenciados de forma em que o sujeito dentro de suas possibilidades tenha a convicção de sua identidade, que acontece até mesmo antes de nascerem.

Sabe-se que os bebês, passam pela construção de suas identidades, a partir de exames para descobrir o sexo, se for identificado um pênis tudo se projeta em um “mundo azul” e se for uma vagina será um “mundo rosa”. Esta situação nos leva a pensar o conceito de Butler (2003) sobre a heteronormatividade, referindo-se ao sexo e gênero. Segundo a pesquisadora não é a genitália, o biológico, que determinará o gênero dos sujeitos, fazendo com que os/as mesmos/as manifestem diante da sociedade a imposição de uma norma heterossexual, onde o tipo de sujeito ideal para o meio social deve enquadrar-se em papéis historicamente construídos.

A partir de então, a família constrói suas relações sociais (re)produzindo as determinações de gênero. No entanto, é importante frisar que as identidades de gênero estão continuamente se construindo e se transformando, através de diferentes discursos, símbolos, representações e práticas. Nesse contexto, a escola também assume papel significativo na formação dos sujeitos masculinos e femininos, vivenciando valores e transformando formas de ser e estar nos espaços sociais.

Desde pequenas, as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se construírem enquanto pessoas. Poderão assim questionar e romper com formas de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, existentes em nossa sociedade e recriadas na relação dos adultos com as crianças e entre elas.

Mediante ao transcrito anteriormente, observa-se a família como célula-mãe da sociedade e sua importância na maximização dos valores para a criança enquanto seres

conhecedores de direitos e deveres, compreendendo de forma processual e gradativa as formas de convívio, tanto familiar quanto social. Todo esse processo será efetivado em intercâmbio com a comunidade escolar, ambas objetivando a participação da mesma em sua própria formação.

Abordar a temática referente a gênero e sexualidade no mundo infantil pode ser considerado um tanto complexo, quando se trata de educar para a diversidade. Podemos perceber que as crianças estão inseridas em contextos sociais e históricos nos quais suas sexualidades já recebem demarcações dos gêneros masculinos e femininos desde a mais tenra idade, como bem ressalta Cesar Aparecido Nunes em seu livro *Desvendando a sexualidade*:

Não há uma época a iniciar a ‘educação sexual’. Desde que nascemos somos seres sexualizados e não podemos continuar numa concepção de infantilismo, encarando as crianças como assexuadas e ignorando o nível de tensão e interesse que lhes diz respeito. (NUNES, p.19.1959)

Partilha-se do pensar de Nunes, não há época específica para iniciar o ensino sobre sexualidade, uma vez que as crianças também são seres sexuados, tanto os pais quanto os/as educadores/ras do ensino infantil, precisam respeitar as manifestações e representações por elas apresentadas de diferentes formas: símbolos, gestos e/ou desenhos.

De acordo com Souza (2010), na obra *Família e escola em rede de proteção*, este assegura que, “Sexualidade, portanto, é a energia da vida. É um processo pessoal e histórico, único para cada pessoa, embora construído histórico e culturalmente”. O autor nos apresenta em sua obra quatro pontos para que compreendamos como ocorre o processo pela qual a sexualidade é construída:

- Identidade genital: a criança discrimina quem têm pênis e saco escrotal ou quem tem vagina e vulva.
- Identidade sexual: a criança já reconhece o que é ser menino ou o que é ser menina, ligado à presença dos órgãos sexuais, ou seja, à identidade genital.
- Identidade de gênero: a criança já identifica os papéis sociais que cabem ao homem e à mulher na sociedade, discrimina os preconceitos sociais, os exercícios de poder e os movimentos sociais para extingui-los.
- Orientação sexual: o/a adolescente descobre suas preferências sexuais, ou seja, por quem sente desejo e manifesta sua afetividade sexual. (SOUZA, 2010. p.19).

A primeira fase, (identidade genital) acontece bem cedo, por volta dos 4 anos, quando a criança começa a questionar sobre seu corpo, conhecendo seus órgãos genitais e a partir daí perceber diferenças do sexo oposto ao seu. E quando ela toma consciência dessa diferença e

passa a se identificar como ser homem ou mulher a criança adquire sua identidade sexual, sendo considerada a fase em que surgem muitas dúvidas sobre diferentes temas, que podem deixar pais/mães ou professores desconcertados, mas que se for feita com paciência e de forma clara para sua compreensão o resultado será satisfatório.

Identidade de gênero é a fase em que os papéis de gênero são descobertos, ou seja, é o significado do masculino e feminino para a sociedade. É o momento em que começa a ser demarcada uma tendência à predominância do masculino sobre o feminino, de maneira a apresentar um padrão de superioridade que a sociedade por uma questão histórica insiste em dar continuidade.

No último ponto refere-se à orientação sexual, que se trata da característica definida por cada pessoa que começa a manifestar por quem sente desejo e atração sexual. Começando a se manifestar em maior intensidade na adolescência, em que ocorre a liberação dos hormônios sexuais e a maior socialização entre adolescentes. Podendo ser apresentada em diferentes formas: orientação heterossexual (atração pelo sexo oposto), orientação homossexual (atração pelo mesmo sexo) e orientação bissexual (atração e desejo por ambos os sexos).

Diante deste contexto, podemos notar que se a sexualidade é considerada uma característica presente em cada criança e a forma como se mostram está conectada às sensações do corpo desde o início do seu crescimento. O contato com o outro (a), a excitação das partes do corpo, o olfato, ou seja, todas as sensações são as fontes do prazer infantil. Portanto, devem ser consideradas naturais manifestações de curiosidade vinda da criança sobre sua sexualidade e que a mesma possa adquirir também de forma natural orientações necessárias de pessoas das quais confiem e se sintam seguras, sejam os pais, as mães ou professores.

O que temos em questão é a relação da criança com a sociedade, na qual resulta em sua personalidade a partir dessa interação com o meio. Esse fator de interação pode considerar dinâmico, uma vez que passa por diferentes transformações, é construído a partir de experiências de vida. Portanto, cabe aos educadores um papel essencial de construir um ambiente com a ausência de preconceito, discriminação, que seja acolhedor e receptivo a atender as suas necessidades e curiosidades.

A partir deste preceito é correto afirmar que se aprende a respeito de sexualidade em todos os momentos da vida na qual pode ocorrer em ambientes distintos. Logo o acesso a

informações na temática deve ser considerado de grande importância para o desenvolvimento das crianças porque irá proporcionar o acesso ao um novo conhecimento a fim de amadurecer e engrandecer as experiências de cada fase da vida.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Iniciei o período de observação em outubro de 2014, buscando identificar os discursos e as práticas no processo formativo das identidades de gênero e sexualidade na Escola E.F.M. Monsenhor Manoel Cândido, situada na cidade de Baturité. Meu objetivo era, a partir da minha observação no cotidiano da escola, evidenciar as formas de discriminação sexual, sexismo e homofobia (re)produzida na mesma.

No primeiro contato com as crianças fui apresentada as três turmas da educação infantil que estavam reunidas, numa mesma sala, onde haveria a acolhida, sob a monitoração das professoras. Encontravam-se todos/as sentados/as em filas, separados/as por turma e cada turma formavam duas filas, uma de meninas e outra de meninos.

Pelo que pude perceber este ritual de acolhimento já faz parte da rotina escolar. Desse modo, diariamente as crianças são reunidas no pátio para um momento de oração, em seguida cantam a música do bom dia e logo após elas tem um momento de socialização, na qual acontece uma conversa informal, onde as crianças conversam sobre o que fizeram no final de semana ou sobre o que estão gostando de aprender em sala de aula, dentre vários outros assuntos. Segundo as professoras, esse momento é muito importante, nessa faixa etária, para o desenvolvimento da escuta e da integração. Ainda segundo as docentes, se busca com esta atividade, levar as crianças a aprenderem a ajustar seus movimentos em diferentes situações das quais participam, seja em expressões faciais ou movimentos corporais e, dessa forma, facilitar a sua comunicação com diferentes sujeitos.

Ao término da acolhida, cada turma segue para sua respectiva sala. Dessa maneira, acompanho as filas do infantil III sob olhares de curiosidade das crianças. Tendo as mesmas entrado na sala, acompanho-as e sento-me ao final da sala, para então começar minha observação da turma em questão.

Na sala estudam 22 (vinte e duas) crianças, das quais 14 (catorze) são meninas e 8 (oito) meninos. Em cada sala se tem mesas e cadeiras suficientes a acomodar o número de alunos/as. Todas são ornamentadas de modo a chamar a atenção das crianças, completamente colorida, cheia de desenhos, cartazes, pinturas produzidas pelos pequenos. O abecedário em letras grandes e bastante colorido, chamando atenção logo de quem chega à porta da sala de aula. Em cima de uma das mesas, várias garrafas com água, algumas com o nome gravado com pincel, outras não; que as crianças trazem de casa.

A professora libera para cada um/uma levantar e pegar sua própria garrafinha. Logo se vê as meninas com suas garrafas cor de rosa em diferentes desenhos dentre estes, princesas, Barbie, bonecas de diferentes desenhos infantis. Os meninos com garrafas na cor azul, verde bem escuro, um verde mais claro, dessa forma já percebemos uma reprodução dos estereótipos construídos relacionados aos papéis de gênero, onde aprendemos como natural que menino dever gostar de azul e a menina de rosa.

Quando voltamos o olhar para o cotidiano percebemos uma normalidade em pequenos detalhes da vida. Podemos observar o simples fato de beber água, em suas respectivas garrafas, de cores “apropriadas ao sexo”, torna-se útil a ideia de LOURO (2010) no que se refere a “natural”:

O processo de “fabricação” dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível... A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural”... Afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? (LOURO, 2010, p. 63)

Como se tratava da semana da criança na escola, após o lanche todos/as iriam até o pátio para assistir uma apresentação de dança de estudantes do turno da tarde. Fiz uma pequena confusão na contagem das crianças, contei as meninas pelos cabelos longos, mas ao ficar de pé uma das crianças com rabo-de-cavalo em que havia contabilizado como menina, na realidade era um menino. Mas realmente só tive a certeza quando foi em direção de uma mochila do “Max Steel”¹ e arrastou para fora dela uma “toalha verde”. Considerado “natural” para um menino a escolha da cor.

¹ Max Steel é uma franquia de bonecos de ação criada e produzida desde 1999. É em maior parte composta em brinquedos tendo como foco principal o protagonista Max Steel, um agente especial da fictícia organização N-tek cuja missão é a de deter os mais variados vilões com suas armas e equipamentos. Além dos bonecos, a franquia também conta com uma série de filmes anuais, além de vários produtos como mochilas, cadernos entre outros.

Seguindo a programação, após o lanche, meninos e meninas foram dirigidos/as ao pátio em sua respectiva fila, a fim de ver a apresentação de dança. Tratava-se de uma dança árabe, composta por 7 meninas e 1 menino. Todos/as com acessórios que remetiam ao estilo da música, e no rosto os olhos bem demarcados em lápis preto e maquiagem. As crianças assistiam atentamente a apresentação e batiam palmas ao som da música. Uma professora veio em minha direção e comentou sobre o único menino da apresentação, dizendo que dançava muito bem, melhor até que muitas meninas. Na fala da professora foi perceptível o tom irônico a respeito do garoto, a fala evidenciou os padrões sociais do tipo “meninos não dançam” e questionou, de maneira sutil, a sexualidade do garoto.



Figura 1: Apresentação de dança dos estudantes do turno da tarde.
Fonte: Keylla

Algumas danças são consideradas uma atividade aparentemente feminina para a sociedade, uma vez que é preciso de muita disciplina e rebolado. Os meninos que aprendem que homem não rebola, são levados, na sua maioria, a não se interessar pela dança, tendo em vista que para muitos é “coisa de mulher”. O sexismo está enraizado nas pessoas (não todas), fazendo com que associemos determinados papéis sociais a cada um dos sexos. Esta divisão

do papel do homem e o papel da mulher, ou seja, do que o homem pode ou não fazer e do que a mulher pode ou não fazer, acaba por construir uma hierarquização dos gêneros na sociedade.

No término da apresentação as três turmas do infantil III, IV e V ficaram reunidas numa mesma sala para a realização de brincadeiras. Diferente do que foi comentado anteriormente pela professora, para as crianças a apresentação dos/das colegas foi vista de forma natural. Não houve nenhum comentário, por parte das crianças, a respeito do único menino que estava dançando, somente o da professora que estava próxima a mim; as crianças queriam mesmo era brincar para aproveitar o máximo o momento de recreação.

O interessante das crianças é a espontaneidade com que falam, conversam e nos contam coisas sem serem questionadas, simplesmente chegam e começam a distribuir um turbilhão de informações.

Como de costume, logo que as crianças chegam à escola, sentam-se nas filas para a acolhida. Sentei-me no chão junto das crianças para esperar iniciar as brincadeiras propostas do dia. Como sou considerada a “tia” nova, me olham querendo saber mais. Então três alunos se aproximam, e começam a me encher de perguntas, até se tinha filhos um deles perguntou. Eduardo (05 anos) me contou que Bruno (05 anos) era “viado”, se referindo à sexualidade do colega, por que ele havia contado que quando crescesse iria colocar brincos, Diogo (05 anos) dando gargalhadas confirmou a história dizendo ser tudo verdade.

Quando olho para Bruno, ele põe as mãos no rosto, demonstrando estar envergonhado sobre o que seus colegas acabavam de me contar. Falei que não estava ali para brigar/repreender, por nada que fizessem ou me dissessem. Então, ele olhou pra mim e disse que era verdade, gostaria sim de colocar brincos, mesmo sabendo que doía muito, pois um amigo seu do meu tamanho havia lhe contado.

Eduardo faz o estilo baderneiro, faz questão de fazer bem a diferenciação dos gêneros, denomina tudo como ser coisa de menina, ou coisa de menino. Segue um estilo estigmatizado como valentão, demonstra constantemente a virilidade, afirma diante da história de Bruno que não será “viado”. Dessa maneira, confirma-se que o poder dos meninos se encontra em conformidade, do uso do corpo e da sexualidade, nas brincadeiras e conversas, incluindo as de natureza homossexual.

quando se examina a transmissão dos papéis de sexo, na família, de uma geração a outra, observa-se que o mais importante não é o que cada genitor

diz ou recomenda fazer (a norma), mas aquilo que eles fazem na vida cotidiana, as práticas observadas pela criança. (BOZON, 1995, p. 124).

As crianças já trazem consigo para dentro da escola ideias de masculinidade e feminidade. Ideias estas reproduzidas a partir do que lhes são ensinadas e/ou a partir de observações feitas dos adultos, das quais demonstram que o homem deve ser viril, ativo, não pode chorar, e deve exercer autoridade frente às mulheres. E as meninas devem estar no papel de submissão aos meninos, são consideradas sensíveis por demonstrarem livremente seus sentimentos, representam um bom comportamento na escola e são mais dedicadas com as tarefas propostas em sala de sala. Incorporando assim as idealizações e representações propagadas de forma hereditária.

Certa vez Kelly (05 anos) me falou que adorava Bruno por que ele era diferente dos outros meninos, era “bonzinho” não só com ela, mas com as outras meninas também. Diferentes dos meninos ele não batia, não gritava com elas e sabia brincar e ser amigo de todo mundo. Pude perceber que por ser mais próximo das meninas, Bruno não se entendia muito bem com os meninos. Lembro-me de um dia em que se encontrava sentado sozinho brincando com dois carrinhos que havia levado de casa, perguntei por que não se juntava aos outros para brincar. Então me respondeu que os meninos não gostavam de brincar com ele por isso estava sozinho.

Pode-se perceber, a partir de determinadas atitudes do cotidiano dessas crianças, que cada vez mais é reproduzido um determinado padrão a seguir quando se refere ao gênero. Destacada a importância em discutir e problematizar até mesmo as histórias e imagens que integram modelos normativos, ensinando e prescrevendo maneiras de agir diante dos padrões de gênero. Pires após uma análise realizada sobre livros infantis,

...o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de *uma* única forma, mostrando, de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada. Essa forma de referir-se à mulher pode ser vista principalmente na representação visual das mães, pois elas são talhadas como exemplos de proteção, carinho e ternura. Comumente é associada a imagens femininas uma ideia leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade... (Pires, 2009, p. 168).

Para os colegas é como se Bruno fugisse desse padrão de homem forte e viril uma vez que se encontra ligado ao universo feminino e assim se encontram no direito de excluí-lo das brincadeiras.

Em outra situação as professoras, resolveram promover um desfile para distribuir presentes aos que apresentarem uma melhor desenvoltura diante dos/as amigos/as. Emanuel e Diogo já haviam saído de perto de mim, o único que continuou do meu lado foi Bruno. Perguntei se ele não iria participar da brincadeira, então me respondeu que não poderia porque *“desfile é coisa de menina”*. Como se tratavam de três turmas foi escolhidos/as dois meninos e duas meninas de cada sala e Bruno foi um dos meninos escolhidos do infantil V. Para divertir a brincadeira, foi trazida uma caixa com fantasias, perucas, diversos acessórios para que pudessem se enfeitar para o desfile.

Para os meninos foram distribuídos, chapéu, gorro, óculos, gravatas e para as meninas perucas coloridas e saias rodadas, acessórios como pulseira, cordão e maquiagem para se sentirem mais bonitas. As meninas me chamaram para ver de perto como estavam lindas e assim eu fiz olhei e elogiei a todos/as. Bruno vestia uma gravata vermelha e um chapéu da mesma cor, mas me falou que gostaria mesmo era de usar uma peruca que ainda estava dentro da caixa. Então falei que pedisse a professora para colocar nele se ninguém fosse usar. Porém, respondeu: *“Eu não posso usar essa peruca tia, ela é peruca de mulher, ela é rosa.”* (Bruno 05 anos).

Resolvi falar com a professora, disse que Bruno gostaria de trocar de acessórios. Então sugeri que as próprias crianças fossem até a caixa e escolhessem o que gostariam de usar para desfilar. Ela respondeu: *“Isso não dá certo não, se a gente deixar eles escolherem e a mãe de um deles chegar aqui, não vai dar certo não”* (Professora Paula, 43 anos). As crianças começaram a discutir por conta dos acessórios, então a professora se afastou, correndo para resolver a situação impossibilitando que continuasse o que estávamos conversando.

A professora me fez entender que iria acontecer uma confusão se deixassem as crianças livres para exercerem suas escolhas. Pergunta-se: Isso não seria incentivar o protagonismo infantil? Sim, seria. Deixar com que aprendam com o lúdico faz parte da educação infantil. Por isso, a escola precisa trabalhar com as questões de gênero e diversidade sexual juntamente com os pais, porque já se encontram inseridas no universo escolar e na maior parte das vezes, pode vir a ser abordada com preconceitos e produzindo cada vez mais sofrimento, violência e exclusão social.

Como as crianças ainda não conseguem escrever sozinhas são incentivadas a desenhar para se expressarem. Uma professora conversando comigo disse que nos cursos em que participou, sempre levantavam essa questão, não se pode simplesmente entregar um desenho

pronto para ser pintado. Mas sim incentivar que as próprias crianças deixem no papel a sua maneira de ver o mundo a sua volta.

A tarefa deste dia seria desenhar como que havia sido a semana da criança para cada um/uma. O que para os adultos pode ser considerado uma tarefa fácil, se torna uma grande e barulhenta tarefa quando se trata de muitas crianças reunidas. Dentre várias ideias do que fazer na folhinha em branco, mesmo incentivadas por uma das professoras, algumas crianças diziam não saber fazer nada.



Figura 2: Sala do Infantil V.
Fonte: Keylla



Figura 3: Meninas do infantil V em fila para desenharem no quadro branco.
Fonte: Keylla

Vejo-os, neste momento, divididos entre meninos e meninas, não é uma separação exigida pelas professoras, mas os próprios estudantes tratam de se separarem. Sentei-me e fiquei observando, os dois grupos, enquanto desenhavam.

Bruno, que sempre é alvo das “brincadeiras” dos colegas, não pôde escrever na cartolina, pois os outros meninos não deixaram. Ele, então, veio correndo dizer-me, fui até onde estavam e pedi para deixarem Bruno desenhar também e voltei para perto das meninas. Minutos depois ele volta chateado e diz que não vai mais fazer nada, porque Hélió (05 anos) havia o desenhado de mulher. Hélió é um menino tranquilo, não conversa muito, mas por meio de um desenho reproduziu a mesma opinião de seus colegas a respeito de Bruno, que chorou diante do desenho do colega, a professora intervindo e pacificando a situação, disse a Bruno que se tratava de uma brincadeira do colega, ressaltando: “*Não chore não, pois homem não chora*”, e minutos depois voltou a atividade logo que apagaram o desenho da cartolina.



Figura 4: Meninos do Infantil V desenvolvendo a atividade proposta em sala de aula.

Fonte: Keylla

Essa questão do significado de ser homossexual apresenta de maneira confusa na cabeça de Bruno. Certo dia em que cheguei à sala de aula uma das professoras falou que a criança em questão, havia dito que tinha mudado de nome, e quando alguém falava seu nome

logo corrigia para como desejava ser chamado. Em um determinado momento chamei-o pelo nome ele me surpreende dizendo: *“tia meu nome não é Bruno, meu nome é Bruna!”* me mandou chama-lo pelo feminino do seu nome, pois quando crescesse iria ser “gay” e iria poder usar pulseiras e brincos, afirmando o que já tinha falado anteriormente.

Percebo que as professoras agiram com naturalidade, diante da situação apresentada pelo menino, não repreenderam, mas também não questionaram o motivo pelo qual estava agindo dessa maneira. Em uma conversa informal pergunto as professoras se durante a formação, em algum momento foi indicado como trabalhar as questões sobre gênero e sexualidade na educação infantil. Umas responderam-me que não, outras sim.

Foi indicado que trabalhar a sexualidade nos dias de hoje, é fundamental, pois os adultos de maneira não cuidadosa praticam atos sexuais sem ter o cuidado de conservar a inocência da criança. Fazendo assim com que as crianças fiquem a mercê de um mundo cruel e oportunista para a prática de atos ilícitos... Devendo ser trabalhado de maneira eficaz, para que a criança venha a entender qual o momento dessa prática. (Professora Marta, 46 anos).

Devemos trabalhar gênero e sexualidade na educação infantil através de conversa informal, reflexão e respeito. À medida que for surgindo às situações envolvendo a sexualidade o (a) professor (a), deverá trabalhar de forma reflexiva, com segurança e sabedoria de acordo com a faixa etária do educando. (Professora Joana, 57).

Diante do transcrito acima, observa-se a necessidade de capacitação envolvendo a temática abordada para maiores informações ao corpo docente. Para que dessa forma os mesmos tenham uma compreensão maior de como lidar adequadamente em cada situação no desenvolvimento de meninos e meninas. Ressaltando o professor/a como mediador de valores assumindo papel na formação dos sujeitos.

Daniel (04 anos) parou o seu desenho e me disse que jamais casaria com pessoas que tivessem a cor da sua colega Maria (04 anos). Não sei o que conversavam antes da minha chegada, mas ele simplesmente falou, sem que nenhuma pergunta lhe fosse dirigida. Perguntei o que queria dizer com isso, então me confirmou respondendo que Maria era de outra cor, era preta e só iria se casar com uma mulher que fosse branca assim como a cor de sua pele. Sempre me mostrando a diferença com as mãos, apontando para a colega e para si mesmo quando falava sobre a diversidade das raças entre ambos/as.

Esse não foi o único episódio de racismo apresentado pelas crianças que pude presenciar. Em uma das brincadeiras da semana da criança, Karla, do Infantil IV, após vencer a brincadeira da cadeira, ganhou uma maquiagem como prêmio. Sentou-se ao meu lado bastante contente pelo presente que havia ganhado. Na capinha onde se encontrava a marca da maquiagem havia o desenho de três bonequinhos a loira, a ruiva e a negra, Karla olhando a gravura disse que todas eram bonitas, exceto uma. Mesmo já imaginando sua resposta, perguntei de qual se tratava, ela simplesmente apontou para a boneca de pele negra. Questionei sua opinião em relação o desenho, Karla pensou, pensou e na tentativa de uma resposta disse: *“tia, ela é feia e pronto”*. Entretanto essa afirmação é permeada de construções sócio-históricas-culturais, as quais naturalizam os estereótipos e reforçam preconceitos reafirmando uma suposta superioridade de um sujeito em relação ao outro.

Recordei de um vídeo que assisti algumas vezes, em palestras e em sala de aula. Na qual havia duas bonecas, uma negra e uma branca loira de olhos azuis, ambas foram colocadas diante de crianças, com a finalidade de descobrir a opinião destas, apresentando defeitos e qualidades para serem apontados e destinados a uma determina boneca. Logo, todas as qualidades eram direcionadas à boneca loira e os defeitos à boneca negra. Da mesma forma que aconteceu no vídeo pude ver pessoalmente, pois Karla não sabia explicar o motivo para considerar feia determinada boneca, ela mesma não entende a causa que não a faz gostar, simplesmente reproduz o que é de costume ouvir na sociedade, como algo pronto e acabado.

Quanto mais converso com as crianças mais conheço a infinidade de informações adquiridas por estas, pois a cada minuto é uma nova situação, uma história diferente para ouvir. Num outro momento, Daniel continuando sua fala sobre com quem iria casar-se, me contou que casaria com alguém que fosse da mesma cor de Hilda, mas não com ela porque sua colega seria o “cão”, referindo-se a termos demoníacos. *“Ela é o cão² porque estava no banheiro detrás da porta com outra menina”*. Em outras palavras, a criança faz uma ligação do ocorrido com uma possível manifestação homossexual, logo demarcando a atitude da colega como algo que não fosse de Deus, considerado um pecado, ou seja, um discurso religioso conservador vindo de uma criança de apenas 05 anos de idade.

² Termo relacionado ao capeta, diabo, satanás, belzebu, coisa ruim. Utilizado para completar um xingamento, típico do Nordeste.

Questionando a professora em relação ao acontecido, a mesma simplesmente falou que as duas meninas estavam juntas no banheiro, fazendo o quê não sabia. Mas já havia repreendido sobre irem juntas ao banheiro.

As duas situações que aconteceram com Daniel podem ser consideradas preocupantes, pois ele nos traz dois assuntos que na atualidade estão sendo bastante repercutidos na mídia: casos de racismo e de homofobia estão constantemente presentes no cotidiano. Mas na escola podemos perceber que não são tratados com tanta firmeza, isto porque se tratam apenas de crianças e por conta disso é deixado um pouco de lado, considerado como “brincadeira de criança”, assim não é dada a devida atenção para abolir tais manifestações.

No artigo “Homofobia na escola”, Anderson Ferrari (2010) traduz a homofobia como intolerância às homossexualidades, de maneira a ser entendida como uma construção social que se relaciona com os gêneros e as sexualidades. Passando a homofobia a fazer parte da ordem sexual e da hierarquia dos gêneros e das sexualidades, em relação com o machismo e o sexismo.

Investir no combate a homofobia é mais do que vincular a luta em favor das homossexualidades, representando uma oportunidade de colocar sob suspeita o que naturalizamos nas relações de gêneros e sexualidades. Significa combater o sexismo e o machismo que fazem parte da sociedade brasileira na direção da construção de diferentes masculinidades e feminilidades. (FERRARI, 2010, p. 40)

Ferrari (2010) fixa suas discussões no contexto escolar, entendendo esse espaço como um local onde as identidades estão sendo construídas e a falta de habilidade em encontrar soluções diante dos conflitos relacionados à homofobia é considerada um dos principais desafios do cotidiano escolar.

A homossexualidade para algumas pessoas é considerada como doença ou pecado e não como uma orientação sexual. Quando resolvi abordar essa temática na/para infância muitas pessoas me olhavam assustadas e não entendiam como que crianças de 3, 4 e 5 anos iriam me ajudar com informações necessárias para compor este trabalho. Mas se em algum momento parássemos um pouco para conversar, ouvir, ou simplesmente observar as crianças, poderíamos ver que a ideia de ingenuidade e alienação sobre sexualidade na infância inexistente, logo porque a criança também é um ser sexuado.

Lidar com crianças requer um pouco de paciência, elas quase sempre dão informações completas, mas vão nos contando os fatos de maneira gradativa, quando se quer saber mais

afundo sobre algum assunto, simplesmente saem correndo. Deixando-me a imaginar o que se passa na cabecinha de cada uma destas, tão pequenas ainda, mas já carregam consigo diversas formas de discriminação. São pequenas atitudes mostradas por estas crianças que me fazem refletir sobre a importância de uma educação para a diversidade, seja na escola ou na própria casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa traz como temática: “Educação Infantil: Uma abordagem sobre Gênero e Sexualidade”, fundamentou-se a partir de observações de crianças com as quais vivenciei, o meu interesse em particular no assunto aconteceu a partir de determinadas atitudes demonstradas por estas, das quais reproduziram diferentes formas de preconceitos. Considerando esse assunto de grande importância.

O objetivo primordial desta pesquisa foi realizar uma abordagem sobre gênero e sexualidade na educação infantil, buscando identificar os discursos e as práticas no processo formativo das identidades de gênero e sexualidade. Evidenciando as formas de discriminação sexual, homofobia e sexismo (re)produzidas durante a primeira infância numa escola do município de Baturité.

Estas questões de gênero e sexualidade na educação devem ser compreendidas de forma relevante na sociedade. Diante de padrões e de comportamentos diferenciados, construídos pela história e no meio social, ações como desigualdades de gênero, de raça e intolerância ao que se trata de orientação sexual e sexismo continuam sendo reproduzidas em nosso cotidiano.

Sabe-se que as dúvidas surgem no processo de aprendizagem e as crianças buscam respostas daqueles que estão a ensiná-las, sejam os pais/mães ou professores/as, que respondem tendo em vista os seus valores. Minha preocupação em relação à temática acima abordada é a falta de conhecimento no assunto, que resulta em formas de discriminação sexual, homo-lesbo-transfobia e sexismo dentre diversas outras formas de preconceito de uma grande parcela da sociedade. Observa-se então a importância do cuidado que se deve tomar em assuntos mais delicados, porque esses valores são absorvidos e reproduzidos mais tarde.

O presente trabalho foi construído por meio de uma pesquisa qualitativa, através de

observação participante. O relato etnográfico foi produzido a partir do cotidiano em sala de aula e nos espaços de recreação, mediante anotações pessoais e registro fotográfico. Realizada na E.E.F Municipal Monsenhor Manoel Cândido, com alunos e alunas da educação infantil, em quatro salas de aula, uma do infantil III, outra do IV e duas do V.

Mediante a praticidade e a interação social por meio da dialogicidade entre os sujeitos da pesquisa (pesquisadora e interlocutores), este estudo sobre gênero e sexualidade, faz uma reflexão conceitual em diálogo com as observações do espaço escolar. No desenvolvimento do citado trabalho observando a rotina diária, percebe-se que no espaço da educação infantil apresentam-se discursos e comportamentos sexistas e homofóbicos, que causam certas limitações nas atitudes e na maneira de se comportar de meninas e meninos.

Podemos destacar que as professoras em vários momentos do cotidiano escolar proporcionam aos meninos e meninas atitudes sexistas, onde fazem diferenciação do que acreditam ser determinado a um sexo ou a outro. Sem perceber, que ao formar filas de meninos e meninas ou separar grupo de meninas e grupo de meninos para realização de atividades, a professora demarca os lugares de cada um no meio social.

Finalizo este trabalho evidenciando as dificuldades em abordar gênero e sexualidade no ambiente escolar, além de ser considerado um tema polêmico não acontece nenhum tipo de capacitação apropriada, de maneira a contribuir para uma reflexão mais sensível na temática, para auxiliar professoras/es a lidar com uma diversidade de situações mostradas pelas crianças, e com isso contribuir para a construção de uma sociedade mais desprendida de estereótipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOZON, Michel. Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. *Estudos Feministas*, vol. 6, nº 3, UFRJ, 1995, p.124.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. 80-100.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

FERRARI, Anderson. Homofobia na Escola in Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf Acesso 26 de novembro de 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. Lisboa: Porto Editora, 2000.

MARTINS, Sandra Veralúcia Marques; TAVARES, Helenice Maria. A família e a escola: desafios para a educação no mundo Contemporâneo. *Revista da Católica, Uberlândia*, v. 2, n. 3, p. 256-263, 2010.

NUNES, Cesar Aparecido, 1959-Desvendando a sexualidade/ César Aparecido Nunes. – Campinas, SP: Papirus, 1987. 7ª edição 2005. pag. 9-20.

PIRES, S. M. F. Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais..: o amor romântico na literatura infantil. - Porto Alegre, 176 f. Tese do doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. 2009.

SAFFIOTI, Heleith. e MUNOZ, Vargas (O.rgs). *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro: UNICEF/ NIPAS / Rosa dos Tempos, 1994.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1995.

SEFTON, Ana Paula. Sexualidade para além da heterossexualidade: representações de homossexualidade na literatura infanto-juvenil. *Textura*, n.24, jul./dez.2011.

SOUZA, OraldaAdur de. /Araci Asinelli-Luz. Família e escola em rede de proteção. 22 ed. Curitiba: SEFE, 2010.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.